# CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

**Adriana Rorato** [1]

**Semíramis Martins Corrêa** [2]

**Laura Menezes Eskasinki Dummer** [3]

**Elena Maria Billig Mello** [4]

**Sônia Maria da Silva Junqueira** [5]

**Resumo:**

Atualmente, com a ampliação de pesquisas e debates acerca do campo curricular na Educação Infantil, muito se tem falado sobre experiências na escola que devem ser significativas, tanto para educadores quanto para as crianças, mas pouco se reflete sobre o que é esse currículo, como ele se constitui, pelo que ele é permeado e sobre debates e conquistas no campo da educação para as infâncias. A partir de nossas inquietações, provocadas especialmente pelas leituras de Carvalho e Fochi (2016), Fortunati (2016), Larrosa (2017) e Silva (2010), nos situamos não só enquanto pesquisadoras dessa temática, mas também como sujeitos que estão inseridos no cotidiano da escola de Educação Infantil. Assim, constituímos esta escrita, que se configura no relato de uma experiência que realizamos durante a componente Currículo e Interdisciplinaridade, no curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, da Unipampa, no campus Bagé. Seu objetivo foi analisar a política curricular atual para a Educação Infantil de forma teórico-prática, sendo para tanto, escolhida a metodologia ativa de workshop. Por compreender que a organização dos espaços-tempos não é algo dado, mas reflete as intenções e concepções de quem os planeja, buscamos organizar o workshop com duas ambientações propositais: de um lado, um ambiente centrado no controle, na privação, no governamento e no regramento dos acontecimentos daquele lugar e de outro lado, um ambiente provocador que fazia um convite à investigação, à interação, às "invencionices", às criações livres e efêmeras; além das explorações realizamos debates a partir de um recorte dos documentos norteadores do currículo da Educação Infantil e reflexões utilizando como recurso análise de charges-críticas. Como resultado, esta metodologia possibilitou a (re)construção de conhecimentos através do diálogo, da reflexão-ação e da exploração ativa, dando centralidade aos sujeitos nesse processo. Claramente o primeiro arranjo espacial dificultou as interações, legitimando a intenção de que os participantes estivessem sentados, escrevendo, pintando ou mesmo brincando em sua mesa, com seu material individual, sendo revelador de uma concepção pedagógica adultocêntrica. Em contrapartida, no segundo arranjo espacial, marcado pela autonomia e pela intencionalidade em facilitar encontros muitas

foram as interações, explorações, brincadeiras, enfim, uma multiplicidade de usos e relações. Concluímos que essa experiência possibilitou abrir um espaço para se discutir as infâncias e suas multiplicidades a partir da política curricular nacional para a Educação Infantil, enquanto possibilidades de uma escola pensada para sujeitos como um espaço de viver e vivenciar e não apenas como mais lugar para acolher crianças.

**Palavras-chave:** Currículo; Educação Infantil; Política curricular

**Modalidade de Participação:** Pós-Graduação

## CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

[1] Aluno de pós-graduação. droratto@gmail.com. Autor principal

[2] Aluno de pós-graduação. semiramismc@gmail.com. Co-autor

[3] Aluno de pós-graduação. lmedummer@gmail.com. Co-autor

[4] Docente. elenamello@unipampa.edu.br. Orientador

[5] Docente. soniajunqueira.unipampa@gmail.com. Co-orientador

# CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO POSSÍVEL

## 1 INTRODUÇÃO

Começar um diálogo sobre currículo na Educação Infantil na contemporaneidade compreende, ao mesmo tempo, um esforço e uma oportunidade complexa, atravessada por dilemas, preocupações, concepções e intenções.

Primeiro porque o campo do currículo é recheado de influências sobre seus movimentos, cenários e atores, que ao "Privilegiar um tipo de conhecimento [...] destacar entre as múltiplas possibilidades uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal [...]" (SILVA, 2010, p.16) operam com o poder; também, porque os currículos historicamente têm sido produzidos a partir de "[...] intenções e expectativas para oferecer os estímulos que serão verificados após um tempo através da observação e medição dos resultados produzidos em termos de desempenho das crianças." (FORTUNATI, 2016, p.20).

Nessa perspectiva restrita a programas de ensino, tensionados pelo desenvolvimento de competências e habilidades, o currículo na Educação Infantil tem sido associado à ideia de seleção/ordem na classificação de conhecimentos/experiências considerados socialmente válidos, corporificados de forma fixa. Tendo em vista a complexidade de questões que permeiam suas pautas, ainda hoje tantas vezes marcadas por modelos assistencialistas ou escolarizantes, compreendemos que refletir sobre currículo é refletir sobre a identidade da Educação Infantil, justificando assim a relevância deste estudo.

Atualmente, com a ampliação de pesquisas e debates acerca desse campo, muito tem se falado sobre um currículo para a Educação Infantil, sobre experiências na escola que devem ser significativas, tanto para educadores quanto para as crianças, mas pouco se reflete sobre o que é esse currículo, como ele se constitui, pelo que ele é permeado e sobre debates e conquistas no campo da educação para as infâncias.

A partir de nossas inquietações, não só enquanto pesquisadoras dessa temática, mas também como sujeitos que estão inseridos no cotidiano da escola de Educação Infantil, constituímos esta escrita, que se configura no relato de uma experiência que realizamos durante a componente Currículo e Interdisciplinaridade, no curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, da Unipampa, no campus Bagé, qual teve como objetivo analisar a política curricular atual para a Educação Infantil de forma teórico-prática, sendo para tanto, escolhida a metodologia ativa de workshop.

Cabe aqui salientar que optamos por focar as experiências e reflexões no workshop a partir da organização dos espaços-tempos por compreender que estas oportunizam movimentos de repensar e (re)contextualizar a política curricular para a Educação Infantil a partir da prática, premissa que perpassa a metodologia adotada.

## 2 METODOLOGIA

Para a realização dessa proposta, nos ancoramos nas metodologias ativas de aprendizagem, que são entendidas como:

> [...] formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica de futuros profissionais nas mais diversas áreas. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindos das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante. (BORGES; ALENCAR, 2014, p. 120)

Para a execução desta experiência, organizamos um workshop que teve como ponto de partida, uma exposição oral e audiovisual abrangendo um panorama histórico e documental a respeito do que se pensa sobre a educação para as crianças pequenas em nosso país, com um recorte a partir de documentos norteadores da Educação Infantil, tais como o Referencial Curricular Nacional (1998), as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2010) e, por fim, a Base Nacional Comum Curricular (2017). Considerando também a diversidade de formações dos sujeitos participantes do workshop, colegas em nossa turma de mestrado, situá-los em relação a aspectos basilares do currículo, como tempo, espaço, sujeitos e experiências foi algo que nos preocupou e exigiu um olhar cuidadoso, a fim de trazer para essa proposta não apenas dados históricos e documentais importantes, trouxemos intervenções que viessem a provocar a reflexão e o entendimento da temática que tratamos. Para tal proposta usamos o recursos das charges de Francesco Tonucci (1968), que são críticas não só ao campo da educação, mas que faz reflexões importantes sobre a educação formal das crianças pequenas.

Também pensamos na possibilidade de vivenciar "um espaço escolar para crianças", dentro da perspectiva na qual nos reconhecemos, provocando assim uma reflexão sobre ambientações nas escolas e seus impactos no currículo hoje proposto para essa etapa da educação básica, que se concretizou no momento que produzimos dois territórios da Educação Infantil distintos, que refletiam diferentes perspectivas de currículo para a infância. De um lado, um ambiente centrado no controle, na privação, no governamento e no regramento dos acontecimentos daquele lugar; e de outro lado, um ambiente provocador que fazia um convite a investigação, a interação, as "invencionices", às criações livres e efêmeras.

Esses três momentos, organizados em blocos e previamente expostos aos participantes dessa proposta, possibilitou-nos a produção de reflexões importantes a respeito da política nacional para a Educação Infantil.

## 3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A experiência do workshop possibilitou a (re)construção de conhecimentos através do diálogo, da reflexão-ação e da exploração ativa, dando centralidade aos sujeitos nesse processo. Por compreender que a organização dos espaços-tempos não é algo dado, mas reflete as intenções e concepções de quem os planeja, buscamos organizar materiais e móveis de forma proposital em ambos os ambientes.

O primeiro espaço foi preparado com 15 mesas e cadeiras individuais, identificadas com os nomes de cada aluno, as quais ocuparam a maior parte da sala; a decoração das paredes era temática, com animais de jardim e painéis como alfabeto ilustrado, numerais do 1 ao 9 e exposição de pinturas dos alunos em folhas xerocadas; sobre as mesas encontravam-se atividades em apostilas com treinamento de pontilhado, repetição das letras do alfabeto e números em cada mesa.

Este espaço foi o primeiro a ser explorado pelos participantes, que naturalmente sentaram-se e realizaram suas propostas individualmente, aguardando as ordens das responsáveis pela turma sobre o que fazer após terminar; só após todos concluírem a apostila foram retirados do armário da sala alguns brinquedos, entregues individualmente para que pudessem brincar em suas mesas.

Claramente o arranjo espacial dificultava as interações, legitimando a intenção de que os participantes estivessem sentados, escrevendo, pintando ou mesmo brincando em sua mesa, com seu material individual. Revelador de uma concepção pedagógica adultocêntrica. Nessa perspectiva o espaço atuou como um inibidor, limitando a qualidade nas interações, na possibilidade de movimentos, no desenvolvimento integral das crianças.

Nesse sentido, Carvalho e Fochi (2016, p.158) alertam que: "Para acolher a complexidade das atuações infantis, precisamos repensar a didática da escola. O investimento

não pode estar no ensino, mas concentrado em criar contextos favoráveis para as diversas possibilidades de aprender".

O segundo espaço, por sua vez, foi preparado com 7 subáreas: no centro da sala encontrava-se um grande tapete, em um dos cantos, uma arara contendo cabides e tecidos/acessórios e um espelho; em uma estante baixa, diversos cestos e pequenas caixas continham elementos não-estruturados diversos (sementes, palitos, elementos da natureza, tampas, pedras, bolitas, etc); também havia uma banheira com água, recipientes e toalha, além de uma pequena caixa de areia, uma grande cesta com baldes, pás, colheres, funil, entre outros. Perto da entrada encontrava-se um pequeno tapete com almofadas, livros, jornais, revistas, gibis e fantoches; ao fundo, uma mesa redonda com 4 cadeiras sustentava uma bandeja com potes de tinta, pequenos espelhos e folhas ofício; nas paredes, autorretratos produzidos pelos alunos compunham a decoração.

Ao entrar nesse espaço, os participantes inicialmente mostraram-se observadores; com olhos de interesse e, ao mesmo tempo, estranhamento. Aos poucos começaram a explorar objetos, "mexericando" um pouco em cada subárea. Logo despertaram para interações com os colegas, convidando para brincadeiras, experimentando sensações, realizando tentativas diversas ao manusear os objetos e contextos, criando uma multiplicidade de usos e relações.

Marcado pela autonomia e pela intencionalidade em facilitar encontros, garantindo confiança e segurança para as crianças, a organização do espaço nunca é neutra, pelo contrário, traduz em suas representações as concepções de criança, de educação e de aprendizagem de quem o planeja. Conforme Horn (2004, p. 20), quanto mais desafiador for o espaço "[...] quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica.", representando um gerador/provocador de experiências compartilhadas.

Fortunati (2016, p.77) corrobora com tais pressupostos ao:

> Afirmar uma ideia de currículo construído sobre as oportunidades implica referência a uma prática educativa longe da aprovação que é alcançada, concentrando-se na verificação de realização das etapas previstas e pré-determinadas, mas, pelo contrário, é caracterizada pela capacidade de ler e apreciar toda a diversidade das múltiplas experiências que as crianças realizam [...]".

Com isso, reafirmamos as potências que permeiam a educação infantil, não só através do nosso olhar ou experiência enquanto educadoras, mas ocupando um lugar de fala na qual nosso posicionamento se fez importante, mas trazendo o que nos ampara enquanto leis e possibilidades de uma escola infantil pensada para sujeitos, como um espaço de viver e vivenciar e não apenas como mais lugar para acolher crianças.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência possibilitou abrir um espaço para se discutir as infâncias e suas multiplicidades a partir da política curricular nacional para a Educação Infantil. Para Larrosa (2017, p.18), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.", e foi isso que procuramos trazer nesse momento específico, uma vivência que provocasse os sentidos, que acontecesse com interação e envolvimento dos que ali estavam como participantes, que os acontecimentos daquela manhã fossem significativos, mas, ao mesmo tempo, singulares.

O que mais nos deixou surpresas enquanto grupo foram os inúmeros posicionamentos e olhares, principalmente daqueles que nunca viveram a docência na Educação Infantil. No entanto, consideramos esses olhares pelo viés do devir (DELEUZE; GUATTARI, 2011),

afinal todos um dia naquele território foram crianças e ali, sim ou não, revisitaram suas infâncias e expressaram com a propriedade esse viver.

E por fim, ainda com o olhar de Larrosa (2017, P. 68) que nos diz que "[...] a experiência é algo que nos acontece, não o que acontece, mas o que nos acontece.", finalizamos o workshop como um momento que movimentou, inquietou, intrigou, provocou cumprindo a ação de nos acontecer!

## REFERÊNCIAS


BRASIL. Ministério da Educação. Constituição Federal da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília, DF, 1989.

_____. Lei nº. 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.

_____. Lei n°. 10.172, de 09 de Janeiro de 2001. Estabelece o Plano Nacional de Educação 2001-2011. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2001.

_____. Lei no. 13.005, de 25 de junho de 2014. Estabelece o Plano Nacional da Educação 2014 -2024. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2014.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB n. 05 de 17 de dezembro de 2009, Brasília, DF, MEC/CNE, 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF, 20018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 20/04/2018.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante:** o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista, Ano 3, nº 4, p. 119-143, jul./ago. 2014. Disponível em: http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/08%20METODOLOGIAS%20ATIVA%20NA%20PROMOCAO%20DA%20FORMACAO%20CRITICA%20DO%20ESTUDANTE.pdf. Acesso em 05/05/2018

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio. **"O muro serve para separar os grandes dos pequenos"**: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil. Textura, v.18, n.36, jan./abr. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e esquizofrênia 2. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011, 127 p.

FORTUNATI, Aldo. **Por um currículo aberto ao possível:** protagonismo das crianças e educação. Editora Buqui, 2016.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiências. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, 176 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010